

# **A FILOSOFIA É FUNDAMENTAL À EXISTÊNCIA HUMANA: A ÚLTIMA ENTREVISTA<sup>1</sup> DE FÉLIX GUATTARI NA TELEVISÃO FRANCESA<sup>2</sup>**

Alfredo Martin\*

Cláudio Tarouco de Azevedo\*\*

\* Tradutor. Professor da Fundação Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Rio Grande do Sul, RS – Brasil. E-mail: [ichi.academica@furg.br](mailto:ichi.academica@furg.br)

\*\* Tradutor. Professor da Fundação Universidade Federal de Rio Grande – FURG. Rio Grande do Sul, RS – Brasil. E-mail: [ichi.academica@furg.br](mailto:ichi.academica@furg.br)

## **APRESENTAÇÃO**

Cour Cheverny, França, agosto de 1992. Em seu lugar de trabalho na Clínica de Laborde, nessa noite da última sexta-feira, o coração biológico de Félix já não resistiu mais.

Toulouse, França, agosto de 1993. Um grupo de institucionalistas franceses e latino-americanos decidiu manter vivo o impulso daquele coração, e nesse primeiro ano organizamos um seminário muito especial: com a presença de Gregório Barembllitt (aquele esquizoanalista que convidou Félix para vir ao Brasil pela primeira vez, em 1978, junto com Basaglia), a de Raymond Fonvieille (aquele colega de Freinet e criador da Pedagogia Institucional autogestionária...), a de Patrice Hortonedá (aquele psicólogo clínico discípulo de Tosquelles...), a de María Eugenia, uma das fundadoras do Movimento das Mães da Praça de Maio da Argentina, a dos membros da Associação de Análise Institucional Midi Pyrénées.

Nesse seminário foi apresentado o vídeo da última entrevista de Félix na TV francesa, poucos meses antes daquele fatídico agosto. Uma gravação caseira, tomada diretamente da televisão no velho formato de vídeo cassetes VHS, numa época sem Internet nem DVD, ver e

---

<sup>1</sup> Este é um documento de uso exclusivamente pedagógico, sem qualquer valor comercial, traduzido, legendado e editado para fins educativos.

<sup>2</sup> Entrevista realizada no programa “Grandes Entrevistas” da televisão francesa em 1991 e publicada nas “Éditions de L’aube”. Paris, 2005.

escutar de novo o colega, o companheiro de lutas institucionalistas, percorrer histórias, conceitos, experiências de mais de 40 anos...as emoções foram muito fortes para todos nós.

A densidade conceitual dessa entrevista é sempre surpreendente; reagindo com calma e lucidez às questões - por vezes provocativas, por vezes muito inteligentes - dos três jornalistas, Félix vai tecendo um relato de alto nível no qual os fios filosóficos, políticos, clínicos, ecológicos, etc., se atravessam produtivamente e permitem compreender o livro que ele acabava de publicar: “As Três Ecologias”.

Foi sobre esse livro e esse vídeo que a história da entrevista se prossegue. Em 2002, começamos o Seminário “As 3 Ecologias de Félix Guattari”, no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA<sup>3</sup>) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Progressivamente, junto com os estudos do texto base, fomos incluindo outros materiais de Félix (A Revolução Molecular, Caosmose...) e do institucionalismo (Compêndio de Análise Institucional e outras correntes, A esquizoanálise), assim como a proposta de autogestão pedagógica e da realização de microintervenções ecosóficadas nas realidades quotidianas dos mestrados e doutorandos, com ajuda do vídeo ambiental.

Cláudio Tarouco de Azevedo, já formado em Artes Visuais, tomou a responsabilidade, em 2007, de organizar as oficinas de vídeo ambiental e iniciar os colegas nos mistérios de elaboração dos roteiros, das tomas de imagem e de som, da edição e pós-produção, o que possibilitou a criação do Laboratório Audiovisual de Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEA<sup>4</sup>) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a realização de mais de 15 vídeos ambientais pelos alunos, todos disponíveis na página do PPGEA.

Foi nesse LAPEA que, em 2008, junto com Cláudio, decidimos fazer a edição da entrevista de Félix, ainda desconhecida no Brasil, como ferramenta pedagógica do seminário. Foi uma aventura que durou mais de um ano de trabalho intenso. Além da tradução feita pela Michèle Sodré Gonçalves e da revisão da Profa. Sylvie Dion, a supervisão de Gregório Barembliitt, tivemos a delicada tarefa de fazer a conversão técnica dos formatos VHS em NTCC, a passagem

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.educacaoambiental.furg.br>>.

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.lapea.furg.br/>>.

posterior para DVD e finalmente à coordenação da legendagem e a edição final, que foi postada no site do PPGA e no Youtube.

Neste trabalho nos encontramos com uma dificuldade técnica que impossibilitou recapturar uma parte das imagens e nos obrigou a recompor esse trecho com outras imagens da mesma entrevista, ainda que resguardando, afortunadamente, a continuidade dos diálogos.

A boa recepção obtida pela entrevista traduzida recompensou os esforços, não só dentro dos nossos Seminários, mas também fora (mais de 25.000 visitas na internet, apresentação no IIº Congresso Internacional de Esquizoanálise – Belo Horizonte, 2011) e agora este generoso convite do Prof. Dr. Marcos Reigota, que muito agradecemos.

### **SOBRE FÉLIX GUATTARI (1930-1992)**

Intelectual influente desde os anos de 60, tomou parte nas lutas anticolonialistas, principalmente da Argélia. Enquanto estudante e militante, participou dos movimentos estudantis que culminaram no maio de 68. Trabalhou muitos anos como psicoterapeuta de psicóticos e animador sociocultural na Clínica de Laborde (Cour Cheverny – França), onde se formou na Psicoterapia Institucional junto a Jean Oury. Nos anos 80, engajou-se no movimento ecológico e tentou sua unificação. Viajou várias vezes ao Brasil, Estados Unidos, Japão, etc. Psicanalista formado por Jacques Lacan, faz reflexões críticas sobre a instituição médica e sobre a importância do desejo na constituição do vínculo social. Entre suas várias obras, destacam-se “Psicanálise e transversalidade” (1972), “A revolução molecular” (1977), ambas diretamente ligadas à sua experiência como militante, e, sobretudo os livros escritos com o filósofo Gilles Deleuze: “O Anti-Édipo” (1972), crítica da teoria freudiana do desejo em sua relação com o capitalismo e o seu bloqueio pela esquizofrenia; “Rizoma” (1976); “Mil Platós” (1979); “As Três Ecologias” (1989); “O que é a filosofia?” (1991).

“A filosofia é essencial à existência humana.” (Félix Guattari).

A filosofia é um movimento de produção de conceitos, um movimento que retoma continuamente o passado para dá-lo uma densidade de virtualidade, uma densidade de possíveis. Deleuze e eu nunca pensamos na morte da filosofia, nós pensamos que a filosofia se faz, que ela está em movimento, mesmo através de outras culturas que não a ocidental - como formas de sabedoria, por exemplo -, a filosofia é algo de essencial à existência humana. (Antoine Spire).

Félix Guattari volta a esse assunto sobre o seu percurso de psicanalista filósofo e sobre o choque causado pela publicação em 1972 de “O anti-Édipo”, escrito com Gilles Deleuze. Refazendo seus engajamentos políticos e internacionais, abordando a filosofia assim como a ecologia ou o crescimento do racismo na França, ele nos oferece nesta entrevista uma visão clara da sociedade francesa contemporânea.

O leitor descobrirá propostas que aliam a arte da condensação à clareza, um pensamento extremamente compreensível que passa muitas vezes por um emaranhado de difícil acesso. (Bulletin critique du livre français).

**GRANDES ENTREVISTAS (1989/1990) DE ANTOINE SPIRE, MICHEL FIELD E EMMANUEL HIRSCH**

**Antoine Spire:** Félix Guattari, quando se pensa em você, pensa-se em “O anti-Édipo”, em “Mil Platôs” que você escreveu com Gilles Deleuze. Você está à frente de uma obra considerável: “A Revolução molecular”, “Os anos de inverno 1980/1985”, “As Três Ecologias” e recentemente este trabalho interessante, “Cartografias esquizo-analíticas”. Gostaria de lhe fazer uma pergunta a partir do que disse Jean-Pierre Faye, à saber que você seria “um psicanalista pouco comum, um psicanalista desviado”?

**Félix Guattari:** Para mim, a questão não está em ser ou não ser um psicanalista, mas de saber qual é a utilidade, a oportunidade de se preocupar com a análise das formações do inconsciente. Porque, para mim, o sujeito analítico não é necessariamente um psicanalista, mas pode estar em um processo como na Psicoterapia Institucional. É um processo que leva à análise das formações do inconsciente onde, em um estabelecimento escolar, podem-se imaginar diferentes grupos, diferentes instâncias analíticas. Para mim, a análise é então descentralizada em relação à pessoa do psicanalista.

**Antoine Spire:** Você falou do grupo escolar, falou de instituições coletivas. Uma de suas características é de ter pretendido ligar esta reflexão sobre o inconsciente individual com a reflexão coletiva sobre o inconsciente, a estrutura coletiva na qual o inconsciente se exprime – e, evidentemente, não se pode falar de você sem falar de Reich. O que você fez com a herança de Reich? Pode-se dizer que você trabalha na linha de Reich?

**Félix Guattari:** Não, eu não acredito. Tenho muito respeito, pela coragem, principalmente pela coragem política de Reich, mas sua concepção do sexual me parece indutora. Nós falamos muito mais do desejo que da libido, é muito mais ao nível das produções coletivas de subjetividade que estamos situados, ao passo que Reich ficava na individualização da sexualidade.

**Antoine Spire:** Sua passagem pela coletividade tinha, ainda assim, como objetivo voltar a uma individualização, uma individualização nômade, que está todo tempo em movimento, que a cada vez tenta se redefinir, mas que, ao mesmo tempo, rejeita tudo o que é dominação, fixação. Pode-se dizer que você seria de alguma forma, um filósofo da movença?

**Félix Guattari:** Sim, mas – isso vai parecer como um espírito de contradição para me desmarcar novamente de um dos seus termos – falarei menos em termos de individualização que em termos de singularização. Quer dizer que a individualização torna-se sempre, a meu ver, algo que tende a reduzir a complexidade da subjetividade. Um autor acaba de ser traduzido na Editoras Universitárias da França, Daniel Stern (*O mundo interpessoal do bebê*); ele mostra o quanto a subjetividade é feita de níveis paralelos e de níveis heterogêneos uns com relação aos outros. O indivíduo, a compreensão do indivíduo como tal, em sua unicidade, em seu caráter de responsabilidade, etc., é sempre algo de redutor. Parece-me que, ao contrário, a singularização, ela, pode operar através desta movença, esta multivalência da subjetividade.

**Michel Field:** Eu gostaria de voltar ao “*Anti-Édipo*”, livro que teve grande sucesso (e quando se fala em grande sucesso fala-se também em fonte de muitos mal-entendidos), e gostaria de dar o meu testemunho de um desses mal-entendidos. Por volta de 1975, quando li “*O Anti-Édipo*”, num momento em que a psicanálise - ou o “psicanalismo”, como teria dito Robert Castel – era um pouco a ideologia dominante de uma certa “intelligentsia”, achei em “*O Anti-Édipo*”, na sua crítica feroz e gozosa de um certo discurso psicanalítico, do que poder me manter afastado dessa atração. Acredito não ser esse o objetivo que você se atribuiria ao colaborar na autoria desse livro e gostaria de saber qual a sua reação a propósito do devir contemporâneo da psicanálise. Depois desse período em voga, parece-me que a psicanálise esteja em crise; que de alguma forma, ela não desempenhe mais o papel de referência motriz, de referência guia, que ela pôde desempenhar no apogeu da era Lacan. Como você reage a isso? Tudo bem? Não estaríamos perdendo, desde um ponto de vista intelectual, terapêutico?

**Félix Guattari:** Infelizmente, poderíamos dizer que a psicanálise buscou bem isso! Que ela o buscou dogmatizando-se, os analistas se organizando na forma de grupelhos. Quando no fundo, a vocação primeira da análise, na perspectiva freudiana, era a de uma abertura extremamente

grande a todos os problemas sociais, estéticos, etc. Finalmente, é menos o porvir do psicanalista que me interessa e sim o porvir da análise das formações subjetivas inconscientes. E isso me parece relativamente desassistido pelo funcionamento da psicanálise, em particular da psicanálise que se pode chamar de estruturalista, na movimentação lacaniana, que é ela mesma muito complexa. As formações de subjetividades inconscientes, quer dizer a saída da subjetividade pré-determinada, a subjetividade tal como ela é “causada” – em todos os sentidos da palavra – na sociedade, pelas mídias, pelos equipamentos coletivos. Isso quer dizer a produção subjetiva, a invenção de si próprio, a invenção do contexto no qual se vive. E o grande mérito da análise é de intensificar esse caráter creacionista da subjetividade. O que é grave com essa debandada, se assim pode-se chamar, da psicanálise atual, é que ela deixa o espaço a preencher pela remontada do comportamentalismo, das atitudes realmente reducionistas, cientistas, no domínio da psicologia, das ciências sociais e das ciências humanas. Hoje, por exemplo, você tem uma corrente de grande importância, a da terapia familiar, que, em parte, representa certa abertura na família – e, portanto, certa abertura das janelas no caráter um pouco fechado da psicanálise – mas que, por outro lado, fica finalmente muito ligado às concepções reducionistas do sistema anglo-saxão. Felizmente existe um número de pessoas que, no seio desta corrente – agora muito poderosa, mais poderosa que a psicanálise – procura trabalhar em uma via de singularização da cura.

**Antoine Spire:** Sobretudo muito poderosa além do Atlântico... [*Estados Unidos-Canadá*]

**Félix Guattari:** Muito poderosa na Itália, França, Bélgica, Suíça...

**Antoine Spire:** O que você lhe reprova essencialmente – porque talvez pode-se, desde agora, mesmo assim, ajustar-lhe as contas sobre o fundo –, é de manter o sistema no mesmo estado.

**Félix Guattari:** É isso.

**Antoine Spire:** Na medida em que é um sistema comportamentalista, mantém o sistema e não se resolve o problema do indivíduo considerado como desviado. No fundo, o encorajamos a ficar no seu ser, em seu “mal-estar” com relação ao sistema.

**Félix Guattari:** Bem, que eles falam sempre de sistema aberto, que um determinado número de correntes se referem a Prigogine, quer dizer, a bifurcações, a organizações longe do equilíbrio. É complicado, é um meio vivo e tampouco se lhe podem acertar as contas tão rapidamente assim.

**Antoine Spire:** É um pouco a sua tendência. O que lí de você sobre o sistema, sobre tudo o que é o sistema familiar, de terapia familiar, de terapia de grupo, é um pouco esta crítica, não?

**Félix Guattari:** Sim, faço essa crítica, mas participo de congressos de psicoterapia familiar regularmente.

**Emmanuel Hirsch:** Você é um partidário muito engajado...

**Félix Guattari:** Sim, é isso!

**Emmanuel Hirsch:** Gostaria de voltar à primeira questão de Antoine Spire. Você é filósofo também, então eu gostaria de saber como você articula um olhar de filósofo em uma avaliação sobre o sentido das coisas, um projeto e um olhar de psicanalista? Existe uma convergência entre essas duas abordagens?

**Félix Guattari:** Acredito que a convergência se dá no caráter *producionista* ou *processualista*, o conceito filosófico, tal como Gilles Deleuze o concebe, é algo que está em movimento, algo que autoproduz sua significação, e ainda mais que sua significação, a sua existência. Nesse sentido, o conceito filosófico está próximo desta produção de subjetividade da que falo, ainda que, claro, o conceito filosófico tenha sua área absolutamente específica, que não é a da ciência nem a do social.



**Emmanuel Hirsch:** Uma última pergunta com relação à primeira. Onde você situa a questão da ética nessa articulação entre uma aproximação filosófica e uma aproximação de ordem psicanalítica?

**Félix Guattari:** Eu a situo em um deslocamento, uma deriva dos paradigmas que imperaram sobre a psicologia, a psicanálise, as ciências humanas. É, antes de tudo, um paradigma – somos obrigados a falar rápido sem as nuances necessárias – que é um paradigma cientista. Existe sempre esta ideia de que se vão pesquisar leis, que se vão aplicar essas leis, que vamos encontrar uma prática coerente com as leis descobertas. A psicanálise é uma ciência? Aí está o tipo de temática que se vê habitualmente na pauta de colóquios, de encontros. Defende-se, como algo essencial, o caráter científico, por exemplo, da psicanálise ou da terapia familiar ou das práticas psiquiátricas. Mesmo se tratando de referências relativamente distantes, encontra-se sempre um meio de lançar mão da topologia, da linguística, etc., consideradas como ciências. Para mim, a questão ética começa justamente com essa ruptura do paradigma científico e a entrada em outras dimensões. Quando digo, por exemplo, uma referência ética, eu quero dizer que algo de singular acontece numa cura ou em um tratamento psicoterápico, como na clínica de “*La Borde*” onde trabalho. Algo que não se reproduzirá, quer dizer, uma verdade relativa, uma verdade da relação, uma unicidade, uma singularidade, que vai nascer e vai criar este ambiente, pode-se dizer, de singularidade existencial, este carimbo de verdade que fará que não estejamos mais em um mundo pseudocientífico, um mundo tecnocrata, um mundo de “batas brancas”, um mundo de causalidade linear. É aqui que começa o fator ético, tanto como o estético, porque, de certa forma, encontra-se na criação estética, esta mesma preocupação da singularidade.

**Antoine Spire:** Frente à singularidade existencial, existe somente a burocracia, a tecnocracia, as “batas brancas”, o “prático-inerte” [Sartre]? Existe somente o administrativo? Somente o burocrático com relação às singularidades existenciais? Quando se faz filosofia, - e é exatamente a pergunta que eu me fiz após a leitura de “*Mil Platôs*” - que de uma forma muito esquemática, eu diria ser um livro positivo, um livro construtivo, depois que “*O Anti-Édipo*” foi um livro contra, na euforia de 68. Com “*Mil Platôs*”, que você também escreveu com Gilles Deleuze, tem-se a impressão que, para você, o objetivo essencial é mais o de articular milhares de ideias em

milhares de contextos que de elaborar conceitos filosóficos que tenham um sentido genérico ao oposto das singularidades existenciais. Então isso não é perder a especificidade da filosofia? A coluna vertebral da filosofia?

**Félix Guattari:** Eu penso ao contrário, que se a filosofia é fechada em um conjunto de corpus conceituais restritos, nós a perdemos...

**Antoine Spire:** Por que restritos?

**Félix Guattari:** Restritos em um texto. Eu penso, por exemplo, há amigos brasileiros muito bem intencionados, que acusam Gilles Deleuze de uma interpretação muito pessoal da obra de Foucault em seu livro. A resposta é: seja a de ater-se aos textos da obra de Foucault, seja a de fazer funcionar esta obra além dos textos mesmos. Acredito que acontece a mesma coisa com a filosofia, se a filosofia é um movimento de produção de conceitos, um movimento que sem parar retoma o passado para lhe dar uma densidade de virtualidade, uma densidade de possíveis. Neste momento, existe toda uma sobrevida possível da filosofia, se não, eu acredito que a filosofia morre.

**Antoine Spire:** Isso não é um movimento de produção de conceitos? Não é, às vezes, uma articulação de conceitos dados? Eu estou na oposição a “*Mil Platôs*”. Você descreve seus opositores como os “religiosos da árvore”, pessoas que acreditam nas raízes, nos conceitos que se articulam entre si, que são estáveis e fixos – não fechados, não é? Fechados é já algo caricatural. Isso não é finalmente a virtude de toda coluna vertebral filosófica? Não é preciso uma coluna vertebral filosófica para em seguida elaborar o Deleuze e Guattari e tentar levantar voo, como pequenos pássaros sobre as ramagens? Mas, por haver ramagens, é preciso talvez que exista uma coluna vertebral? Será que você não vai rápido demais ao continuar, com Gilles Deleuze, quebrando estas colunas vertebrais filosóficas?

**Félix Guattari:** Bem, se você o diz! Mas nós respeitamos os textos, trabalhamos a partir dos textos, não golpeamos os filósofos pelas costas com um golpe seco na nuca.

**Antoine Spire:** O que é a recusa da árvore?

**Félix Guattari:** A recusa da árvore é a recusa de uma história da filosofia que se circunscreve sobre ela mesma, que se fecha, por exemplo, sobre Hegel e em seguida surge um longo clamor: “*A morte da filosofia...*” Deleuze e eu não pensamos na morte da filosofia, pensamos que a filosofia se faz, que ela é movimento e que, mesmo através de outras culturas diferentes da cultura ocidental, sob outras formas – como formas de sabedoria, por exemplo -, a filosofia é algo de essencial à existência humana. Este título não é reservado aos professores de filosofia nas escolas, nas universidades.

**Emmanuel Hirsch:** Existem movimentos, sim, mas ela tem um projeto? Você fala da mobilidade, para aonde? Ouvindo você quase pensei em Bergson. Existe um projeto de filosofia em sua opinião?

**Félix Guattari:** Não, acredito que existe um processo filosófico, mas não há uma finalidade, um objetivo.

**Emmanuel Hirsch:** Hoje, em sua opinião, qual é a significação do filosófico no campo social?

**Félix Guattari:** Hoje, se colocam de novo certo número de questões sobre a produção de subjetividade, sobre o fato de que a subjetividade está engajada em imensas aventuras com as tecnociências, em imensas aventuras com a degradação da biosfera, imensas aventuras com movimentos demográficos consideráveis, brassagens culturais. Existe, através disso, uma possibilidade de futuro? Isso é possível? Mas compreende-se também – peguei exemplos muito amplos – a níveis muito individuais, ou muito parciais, como o de uma sala de aula, como o de uma clínica psiquiátrica. Existe um trabalho sobre a subjetividade – um retorno sobre ela mesma – que não seja um retorno fechado, de má consciência, mas que seja um retorno produtivo de uma outra subjetividade? E a cada vez encontra-se as problemáticas filosóficas nesse tipo de encruzilhada.

**Emmanuel Hirsch:** Uma última questão sobre esse plano imediato. Certos epistemólogos dizem hoje que somos criadores de possíveis e de múltiplos, mas esse possível, qual é a significação dele? Criam-se muitos possíveis hoje em dia, mas qual é a finalidade de tudo isso?

**Félix Guattari:** Justamente, nenhuma! O problema é re-centralizar uma finalidade fora das pseudo-finalidades que são os objetivos econômicos, objetivos de um certo tipo de estetismo, objetivos de poder, e trata-se de reencontrar como objetivo isso que é a finitude, isso que é a singularidade com relação ao desejo, ao nascimento, à morte, a relação com o cosmos, com relação ao devir da existência, dos quais todos os outros tipos de finalidade nos fazem fugir, nos fazem evitar. Quer dizer que a função da filosofia, é tirar a ingenuidade da subjetividade, de tirá-la de certo infantilismo, de oferecer a ela a densidade do acontecimento. Sair de certos mitos da eternidade que nos são despejados como uma droga, sem parar, por todos os lados.

**Michel Field:** Reencontrar o valor da singularidade é normalmente tentar desestruturar todas as formas do universal. Eu, da maneira em que li “*Mil Platôs*” – que tenho como um livro de filosofia política extremamente importante-, é finalmente a crítica filosófica de dois conceitos que são habitualmente ligados, o de universal e todas as suas manifestações e, sem dúvida, o de identidade, porque na criação do processo de subjetivação, esta subjetividade nova é pluralizada, não se deixa atrapalhar apenas por uma identidade. O que me pergunto é como você conciliaria essa dimensão filosófica – cito sempre aos estudantes o início de “*Mil Platôs*” escrito com Deleuze, que acho soberbo: *Escrevemos o Anti-Edipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente, então, cada um é plural.* – com o trabalho do psicanalista, o qual ajuda o outro a reconstruir uma identidade fendida, fracionada, a reconstruir a capacidade de ser si próprio. Não existe um tipo de tensão em seu trabalho, entre o pólo prático, terapêutico, analítico, e o polo filosófico?

**Félix Guattari:** Reconstruir, reformar, remodelar, todas essas expressões não são convenientes. Na prolongação do que eu dizia anteriormente, os indivíduos e as coletividades humanas estão tão engajadas em uma trajetória que leva ao desastre, à perda de toda a capacidade de se enquadrar em territórios existenciais, que é nesse movimento mesmo de fuga para frente, de retomada de si próprio, de processo, no qual se pode encontrar algo que não é uma identidade,

nem uma adequação a universais, mas simplesmente o fato de que, seguindo a corrente, seguindo os movimentos, na queda mesma, podemos nos reencontrar. Constrói-se uma temporalidade possível, constroem-se objetos, inventa-se um mundo, exatamente como um artista cria, ele produz um mundo que lhe é específico. Portanto, acredito que cada vez que nos penduramos aos universais – por exemplo, aos universais da psicologia ou aos universais da linguística –, cada vez que se fixa uma identidade como objetivo, perde-se algo de essencial que é o devir. Com o risco que o devir desmorone, com o risco que não se pode jamais esconder. Encontramos-nos com um limite muito próximo, à flor da pele, que é o da catástrofe esquizofrênica, que é o da angústia total, que é o do dismantelamento desta subjetividade. Então podemos nos dizer: “Não! Eu tenho vários tipos de proteção, de garantias do eu, etc.” Seria preciso falar da crítica às teorias do Eu à luz da Etologia humana de hoje, tal como ela mostra que a multiplicidade do Eu não se apresenta para nada como sistema de defesa com relação aos conflitos. Bem, estamos sempre próximos, estamos sempre no limite de quebrar a cara, e é nessa virada, nessa pirueta, nesse esforço supremo, que hoje o indivíduo, como a humanidade, pode se refazer.

**Antoine Spire:** Félix Guattari: crítica dos universais, desterritorialização, linha de fuga para o indivíduo – tiro tudo isso de “*Mil Platôs*”-, estes movimentos perpétuos, estes deslocamentos perpétuos, não conduzem a questionamentos? Você diz: “*O “eu” não é suficiente para saber o que nos dá suporte, sobre o que estrutura o “eu”, o que estrutura o indivíduo e maneira da qual herdamos o passado*”. O tempo todo, lendo “*Mil Platôs*”, eu tinha na cabeça essa questão da transmissão do passado. O passado não é transmitido através de grades universais, de percepções da realidade organizadas, pensadas, construídas através desses universais? É preciso então os destruir, para tentar encontrar por si próprio, seu modo de ser, seu modo de percepção da realidade, seu modo de compreensão do mundo. Mas, ao mesmo tempo, não é preciso que se mantenham, apesar de tudo, estas linhas essenciais transmitidas pela história da filosofia, transmitidas pela história do pensamento simplesmente? E articulá-las a esse movimento do qual você fala?

**Félix Guattari:** Para sair um pouco da filosofia, para abordar um domínio mais político, vê-se bem a derrocada, não somente do marxismo, mas das práticas do socialismo real, etc. Qual o

peso, o preço do passado, das teorias que inspiraram essas práticas? Ele é alto porque permite, com efeito, medir o desvio. Permite medir a qual ponto as esperanças postas em certa representação de mundo podiam levar à catástrofes. Eu acho, como Sartre, que o passado só existe na medida em que ele é recriado, reinventado, mas que, como tal, só pode ser fonte de ilusões. Os historiadores dão visões de mundo que são as suas visões de mundo no período atual, hoje em dia. A perspectiva genealógica de Foucault em atenção a esse assunto é muito interessante, porque ele não fazia história exatamente, mas reutilizava elementos de arquivos, elementos do passado para recompor algo que nos lançava, literalmente, sobre as situações atuais.

**Antoine Spire:** Existe, de certa forma, pertinência do passado na medida em que, para pensar foi preciso apoiar-se sobre um patrimônio filosófico e de fato, para ler Deleuze e Guattari não é preciso já ter lido Marx, Freud, Darwin, Foucault e Lacan?

**Félix Guattari:** Não, eu não acho.

**Antoine Spire:** Pode-se começar assim, com Deleuze e Guattari, sem estruturação da paisagem?

**Félix Guattari:** Não, não! Os objetos [sic] que circulam foram traduzidos em diferentes países. Você pode começar a refletir, pode ser uma introdução à Hegel ou a Platão. Você pode começar pelo que quiser, o importante é saber se certas frases, certos enunciados o induzem a pensar, o direcionam, mesmo eventualmente, a um devaneio...

**Antoine Spire:** O que eu gostaria que você dissesse é se existe talvez uma falsa destruição das referências filosóficas em seus livros. E finalmente um movimento interessante, apaixonante, mas que se apóia, evidentemente, sobre o que foi construído, contrariamente ao que é afirmado no livro.

**Félix Guattari:** Vou pegar um exemplo em outro domínio. Os freudianos pensaram por muito tempo que as neuroses, os sintomas, as formações psicopatológicas atuais referiam-se a pontos, a fixações na primeira idade, entre zero e três anos, e depois, outros teóricos mostram hoje, que essas fixações passadas existem efetivamente como *originação* de algo, mas não forçosamente sobre um modo causal. Não é porque você teria tido uma referência anal, por exemplo.

**Antoine Spire:** Espere! Por que você diz somente como modo causal, por que você fala da origem exclusivamente causal? Você não fala disso dessa forma!

**Félix Guattari:** Porque os freudianos falam disso assim!

**Antoine Spire:** Concordo, mas você fala da origem não sob o modo causal, mas sob o modo de fecundação de um pensamento. As filosofias que precedem podem fecundar pensamentos!

**Félix Guattari:** Mas eu não sou contra os filósofos precedentes! Você me empurra contra baluartes esquisitos!

**Emmanuel Hirsch:** Vou tentar encontrar uma saída, não é a pergunta que queria lhe fazer, mas eu a farei com relação ao que poder vir a ser dito. Você tem uma sensibilidade para Aristóteles e a *enteléquia*, quer dizer, esse movimento que parte, é um pequeno chute que lança algo?

**Félix Guattari:** Sim, se você quer, sim.

**Emmanuel Hirsch:** Bom! Isso tem um pouco a ver. Então, eu situei seu princípio do movimento com relação a Aristóteles. A pergunta que queria lhe fazer é a seguinte: se o homem aparece em um momento dado de uma história, autor de sua vida, de sua existência e de seu projeto, como chegar a gerar os desejos de poder que cada homem poderia, com justiça, reivindicar para si? Porque, finalmente, se cada um é autor de sua própria pessoa, como acreditar, apesar de tudo, em uma ordem social, uma paz entre as pessoas relacionada a uma finalidade social?

**Félix Guattari:** As finalidades sociais, as relações de poder existem em certo nível, com opressões, com coeficientes de realidade. A pergunta que se pode fazer é como justamente fazer através dessas diferentes estratificações do real – econômica, social, cultural -, como podemos encontrar meios de recomeçar, meios de criar a subjetividade, como agenciamento coletivo ou como subjetividade individuada, sobre um modo que não seja o do *serialismo*, para resgatar uma velha expressão de Jean-Paul Sartre? É essa, sobretudo, a questão! Não se trata de negar o que são as formações de poder, estamos nisso até o pescoço, e com o pós-modernismo, viu-se o espectro de uma perspectiva que consistia pura e

simplesmente em recusar a ideia da prática, a ideia da prática de si, a ideia de prática estética, a ideia de prática social. E que havia somente se deixar levar pura e simplesmente pelo estado de coisas, pelo mercado, por exemplo, o mercado da arte.

**Emmanuel Hirsch:** Então você pôs entre parênteses tudo o que é transcendência? Não existe uma tradição a assumir aqui?

**Félix Guattari:** Pero sim, tem só isso da tradição, colide-se com ela sem parar, nos colocamos em círculo como burricos em torno de um poste com as tradições, os universais, etc. Estamos completamente rodeados. É por isso que quando você me diz que eu nego os universais (risos)...

**Antoine Spire:** Você quer sair desse fechamento?

**Félix Guattari:** Sim, eu não penso em outra coisa!

**Antoine Spire:** Você quer sair dele e todo o problema é saber como. Porque quando você fala do móvel, quando você fala dos fluxos, quando diz certas coisas para opô-las ao fixo, ao duro, para opô-las ao estável, a gente diz tudo bem, mas para que haja certo movimento, é preciso que tenha havido, alguma vez, algo que tenha fixado estes universais. Onde está a reflexão com relação a esta fixação?

**Félix Guattari:** Está através da bifurcação. Hoje, por exemplo, pode-se tentar repensar o que foi o Maio de 68 na França, através dessa bifurcação extraordinária que operaram, na história, os estudantes chineses. O problema para mim não é interpretar os estudantes chineses através do Maio 68, mas, ao contrário, de repensar o que foi 68 através desse tipo de mutação. Enfim, poderíamos falar disso durante horas, mas eu não vou desenvolver.

**Michel Field:** Desde o começo da entrevista, duas vezes seguidas o nome de Sartre veio à sua boca. Isto me interessa: de Sartre você guarda, eu não direi uma filiação, mas uma simpatia pelo pensador da subjetividade, o pensador da prática? Como você se situa com relação a este tipo de longo purgatório que o pensamento sartreano padece há vários anos?



**Félix Guattari:** Oh! Sempre fui muito fiel, muito ligado ao pensamento de Sartre, e, sobretudo a esta vontade de engajamento, esta presença na história, mesmo com o risco de se enganar, de se extraviar.

**Michel Field:** Ao mesmo tempo, seu modo de inscrição política e de engajamento parece mais com o de um Michel Foucault. Com frequência, opõem-se dois modos de engajamentos: o engajamento, de certo modo, numa sorte de generalidade em Sartre, e um engajamento muito mais particular, muito mais singularizado precisamente, num Michel Foucault. Muito curiosamente, você me parece mais próximo de Michel Foucault, na modalidade de engajamento e muito mais próximo de Sartre no modo de refletir esse engajamento.

**Félix Guattari:** Quer dizer que, há ainda aí uma ruptura entre as perspectivas. Tudo o que eram as formações políticas, sociais, sindicais, etc., na época de Sartre, caíram em ruína. Ele calculava ainda através dessas coordenadas sociais, daí todos esses comportamentos muito complexos dele com relação ao partido comunista. Na época de Michel Foucault, o que salta aos olhos, é que existem problemáticas em todos os níveis sociais, no nível da educação, no nível das prisões, no nível da psiquiatria, no nível da homossexualidade, da prostituição, etc. Esta problemática é irreversível, ela continua apesar da capa de chumbo, apesar dos anos de inverno que atravessamos. Mas, sentimos que há uma micropolítica, um nível microssocial que é o lugar em que vai se operar a retomada das práticas sociais. Então, nesse caso, efetivamente, é preciso tentar conceber uma reestruturação do ato político nesse novo contexto. O que não quer dizer, além disso, que não existam sempre as formações de poder, as formações do estado, etc., no seio das quais nós nos debatemos. Estamos, portanto, presos em um tipo de polifonia discordante entre linhas muito contraditórias.

**Antoine Spire:** Félix Guattari, então, sem concepção global da vida política, mas somente de algo fragmentado, próximo de cada instituição, para tentar criticar suas disfunções, mas nunca uma concepção global. Você tem em “*Mil Platôs*” algo que me tocou bastante como conceito, o conceito de *anexatidão* que você situa além do verdadeiro e do falso. O problema não é, então, de fazer a verdade, o problema é de estar na *anexatidão*, além do verdadeiro e do falso. Você poderia precisar, nessa instância política, o que é a *anexatidão*, senão aquilo que risca fragmentar o que pode ser a verdade, minha verdade em um momento dado, de uma concepção global da história?

**Félix Guattari:** Bem, seria um pensamento complexo, em torno do qual muitas pessoas gravitam. Como eu poderia lhe dar um exemplo? Penso em um doente psicótico que, sendo um homem progressista de convicção esquerdista, bruscamente começa a ter um delírio racista, um delírio fascista. Eh, bem, o que se pode fazer nesse caso? Mostramos a ele a moral, fazemos um discurso, ou não nos jogamos.

**Antoine Spire:** Eu já li você! Sei a resposta: Nós o seguimos em seu delírio, e isso significa apenas o exterior, quando se fala do racismo vai se defender seu delírio, mas nós o defendemos porque estamos junto dele em seu delírio.

**Félix Guattari:** Exatamente. Então, hoje, sobre o plano político, há um certo número de falhas, de rupturas que foram traduzidas na época de Coluche [famoso ator cômico francês] em que ainda era um pouco divertido por causa das iluminações cômicas, grotescas, sobre o que é esta vida política massificada pela mídia que conhecemos, que se traduz hoje na subida dos Verdes, dos ecologistas, etc., que são menos divertidos, infelizmente, mas que ainda assim são muito significativos. Existem fenômenos extraordinários quando se pensa na revolta dos bombeiros, a revolta dos policiais, etc. Eles continuam o Maio de 68, então seria esta a questão das instituições de hoje.

**Antoine Spire:** Eles continuam o Maio de 68?

**Félix Guattari:** Ah! Sim! Estou convencido!

**Antoine Spire:** Não há no Maio de 68 uma concepção global que você recusa?

**Félix Guattari:** Ah! Sim! Totalmente!

**Antoine Spire:** Não havia uma filosofia do reverso, de outro tipo de sociedade? Maio de 68 não era apenas: “*Façamos amor!*”. Não era somente: “*Mudemos o agora!*”?

**Félix Guattari:** Quer dizer que para mim, Maio de 68, foi um fato de ruptura e do surgimento, o crescimento de formas mutantes de subjetivação singulares, postas cada uma em contextos diferentes, porém, não homogêneas, uma heterogenese da subjetividade. Em seguida, em auxílio às ideologias constituídas, vêm as ideologias de esquerda, as ideologias maoístas, etc.

**Antoine Spire:** Que tinham um projeto global?

**Félix Guattari:** Sim, mas que, para mim, era uma resposta à ruptura, à abertura de 68, paralela à resposta dos policiais, à resposta de Edgar Faure (ex-ministro de educação em 68), à época, e não sei mais a quem.

**Emmanuel Hirsch:** Maio 68 não foi uma revolução, em final de contas, porque...

**Félix Guattari:** Uma revolução molecular.

**Emmanuel Hirsch:** Sim, justamente. Então você está desapontado com essa espécie de recuo, de retirada? Porque, finalmente, podemos nos questionar: em nome de qual moral ou de quais valores, em determinado momento – desculpe-me por perguntar de maneira impertinente com relação a seu discurso -, em nome de quais valores, afinal, está tudo parado?

**Félix Guattari:** Mas nada está parado!

**Antoine Spire:** Como nada está parado? Escute, vamos pegar um exemplo muito concreto...

**Félix Guattari:** Ah! Bom.

**Antoine Spire:** A antipsiquiatria, porque é assim que, para você, muitas coisas começaram, na vossa prática... Basaglia morreu, Cooper morreu, Laing acaba de morrer...

**Félix Guattari:** Ah bem, sim! Eles eram mortais.

**Antoine Spire:** Concordo, eles eram mortais, mas quem os sucede? Na prática, quais são seus sucessores e hoje quais são as virtudes da antipsiquiatria? Se virmos como as coisas se passaram exatamente, damos-nos conta que mesmo a psicanálise, a medicina de setor, enfim a setorização no hospital, pelo menos em parte, falhou. Então, será que nós não vemos estas ideias pouco a pouco. Você diz: “*O inverno*”, então nós não estamos em pleno inverno.

**Félix Guattari:** Não em toda parte! Se tivermos o olhar voltado para a França, você tem razão. Se esticarmos um pouco o pescoço, vemos coisas apaixonantes. Por exemplo, em Trieste, lar dos sucessores de Franco Basaglia, existe a tentativa de repensar completamente a prática psiquiátrica junto aos sistemas de cooperativas, com uma irradiação na qual a psiquiatria sai dela mesma, não é a antipsiquiatria, é a psiquiatria aberta, não somente sobre a cidade, mas aberta sobre outras práticas, os problemas da prisão, os problemas da cultura, etc. Há, por exemplo, na Grécia, onde existem hospitais como em Lairo, que são exemplos de campos de concentração, no Brasil, na Argentina, em diferentes países, essa problemática continua viva!

**Antoine Spire:** Félix Guattari, acredito que sobre esse ponto você tem feito muitos aportes e que, sobre ele, as ideias nas quais você avançou têm grande importância. Todavia, o que me surpreende é justamente nesse assunto em que você é totalmente competente, é sua prática, mas tem-se a impressão que, perdoe-me, na França você não é seguido.

**Félix Guattari:** Não tem importância porque a França é uma pequena coisa, é uma pequena província, é uma pequena Suíça piolhenta! Quero dizer piolhenta no sentido de que ela não tem a mesma riqueza por habitante que a Suíça tem. É verdade que não acontece grande coisa na França e que os socialistas franceses fazem pouca coisa para que algo aconteça, debatem pouco sobre uma inovação social, uma criatividade.

**Antoine Spire:** Não vamos falar de política, porque não são os partidos políticos que estão em questão, é antes a sociedade civil francesa e a aspiração dessa sociedade de derrubar as barreiras do asilo...

**Michel Field:** Mas quando há uma luta, por exemplo.

**Félix Guattari:** Os bombeiros! Vamos!

**Michel Field:** Sim, isso aí! Vou usar um outro exemplo. Quando há uma luta setorial, mas ao mesmo tempo, há uma dimensão muito mais crítica, penso nos movimentos das enfermeiras no ano passado...

**Félix Guattari:** Pensei nisso neste mesmo instante.

**Michel Field:** ...que de certo ponto de vista poderia ser um movimento que seus conceitos e sua prática teórica o permitem compreendê-lo em toda sua potencialidade, suas contradições, suas hesitações. Forçosamente, constata-se que um movimento como este se choca em determinado momento com esta famosa generalidade, por exemplo, o aparelho do Estado, das grades da função pública, e nesse momento esse movimento se quebra. Então, pode-se dizer que ele não está realmente quebrado, a brasa continua a arder sob a neve destes anos de inverno. Mas não há aqui algo que, de um ponto de vista político e teórico, merece ser pensado? Arriscando a desterritorialização das lutas, arriscando a singularização otimizada da reivindicação, em um momento dado fragiliza-se com relação a esta generalidade da máquina do Estado, do poder do Estado, e nesse momento nós perdemos.

**Félix Guattari:** Acho que você não esclarece o suficiente sobre a fragilidade do poder desse Estado, sobre o seu caráter fictício, que é manifestado na área econômica.

**Michel Field:** Tenho uma formação muito hegeliana, não estou preparado para fragilizar o Estado. [Risos de Michel Field e Félix Guattari]

**Félix Guattari:** Hoje em dia é preciso pensar os problemas em escala planetária, vê-se então que todas estas estruturas políticas existentes estão fora da corrida. Quando você vê as degradações da biosfera, como elas se desenvolvem, a total impossibilidade de controlar a explosão demográfica no mundo, com o fato que os chineses partem tranquilamente para dois bilhões em curto prazo. Quando você vê o crescimento da miséria, a crise urbana, etc., dizemos que as pessoas que estão no poder não controlam nada. Veja hoje o que se diz do presidente Bush [pai]: “Ele não toma iniciativa, hesita em apoiar a Polônia, hesita em apoiar o gorbachovismo, etc.” Estamos frente a um tipo de paralisia dos poderes em atividade. Os poderes, se você quiser retornar à França, os poderes sindicais, os poderes políticos, os parlamentares, são pessoas que não dizem mais nada, jamais há um debate. O que isto significa? Não significa que eles sejam idiotas ou que eles sejam corrompidos, significa simplesmente que eles não estão a par das imensas transformações, das imensas revoluções que atravessamos.

**Antoine Spire:** Espere! Quem pode estar a par globalmente...

**Félix Guattari:** Globalmente?

**Antoine Spire:** ... É a questão, porque quando lemos seus livros, ninguém pode. Ninguém, porque no fundo a instância global não tem sentido. Então quem está a par? As enfermeiras? Mas elas estão a par somente da crise da saúde. Os bombeiros? Estão a par somente dos problemas dos bombeiros e que você, querendo ou não, eles não têm uma visão global da história. Quem tem o direito de ter uma visão global? Ninguém!

**Félix Guattari:** Os estudantes chineses estão a par de um bilhão de habitantes, um pouco mais, um bilhão duzentos e cinquenta milhões de habitantes, isso acontece.

**Antoine Spire:** Você acha? Acha que eles estão a par de um bilhão duzentos e cinquenta milhões de habitantes?

**Félix Guattari:** Ah! Sim! A cada vez que há um fenômeno, em seguida dizemos: “Ah, mas foi um acidente não é preciso se preocupar”, mas acontece muito. Veja o que se passa no Brasil com fenômeno da hiperinflação, em toda a América Latina, são continentes inteiros que estão completamente desmantelados. Sem falar da África! E se falamos a nível planetário, não se pode deixar de lado essas situações extravagantes que se desenvolvem. Por outro lado, as revoluções tecnocientíficas são fantásticas também. E sobre isso tudo se encontra pouco de tudo o que dissemos. Quer dizer que não podemos separar uma transformação essa espécie de calma, não de beatitude, mas de embrutecimento, da vida política, da vida social, frequentemente também na França.

**Antoine Spire:** Então, nesse caso, você chegou à sua concepção da ecologia. Tomou partido pela ecologia, ou ainda pela *ecosofia*, porque você é contra a arque-ecologia, a ecologia dos passarinhos, tudo isso não é do seu interés. Mas você ao mesmo tempo, é contra a ecologia tecnocrata de Brice Lalonde [candidato ecologista], digamos. Você propõe uma outra ecologia que chama de *ecosofia*. O que é isso exatamente?

**Félix Guattari:** É um pouco tudo isso que acabamos de dizer. Ou seja, que não podemos separar uma transformação do meio ambiente, não se pode retomar nas mãos as dimensões, os componentes, os parâmetros essenciais da biosfera, se por outro lado não mudamos as mentalidades, se não se reconstrói a malha social, se não o reinventamos. Porque a malha social, tal como ela é em ato, ela é com frequência completamente desfeita, é algo fictício. Pense-se somente no que se transformou a vida coletiva em numerosas famílias, ao papel da mídia em tudo isso; e também, além dessa *ecosofia*, desta ecologia social, uma ecologia mental no sentido de Gregory Bateson, que é finalmente o trabalho sobre si mesmo, o trabalho analítico, o trabalho esquizoanalítico, a relação com o mundo, a relação com a finitude, a relação com o devir inumano, com o devir animal, e isto nos leva a personagens como os de Kafka, que eram *ecósofos* à sua maneira.

**Emmanuel Hirsch:** Passamos muito rápido pelo Maio de 68, uma constatação de fracasso que talvez não o seja para você, porque você tem uma visão da história com esperança, apesar de tudo. Gostaria de fazer uma pergunta muito simples, talvez um pouco simplista: O que preocupa você no ser humano, independentemente do social, o que o preocupa fundamentalmente? Porque atrás do que você diz, talvez seja uma interpretação um pouco moralista, existe uma demanda que eu interpreto como uma demanda moral, quer dizer, algo qualitativo, certa exigência com relação ao que o homem pode ou deve fazer. Onde se situa a sua preocupação?

**Félix Guattari:** A humanidade está no topo da cadeia da evolução. Talvez esteja gravado que ela deva carregar uma catástrofe, uma liquidação de toda a vida na terra, isso não está dado. Ao passo que é possível precisar os riscos fantásticos que nos fazem correr o tipo de produção atual, o tipo de poluição atual, o tipo de desmantelamento da subjetividade atual; é possível que talvez nasça com grande brutalidade, um grande efeito de surpresa, uma grande vitalidade, uma retomada, uma forma de construir outra coisa, diferente da que construímos em matéria de bens, em matéria de circulação de automóveis, em matéria de urbanismo, etc., a saber: Como vão se organizar o diálogo, a vida, a relação com o corpo? Como vai se organizar uma possibilidade de desenvolver as potencialidades humanas antes de produzir isso que faz funcionar hoje o mercado econômico?

**Emmanuel Hirsch:** Não quero ser um intérprete do seu pensamento, mas um conceito retorna frequentemente em seu discurso: o conceito de *risco*. É por isso que daqui a pouco eu pensava em Bergson, com a ruptura, o movimento, e tem-se a impressão de que um dos elementos para autenticar uma situação, para penetrar nela, compreendê-la, é avaliar esta dimensão de risco. Você pode precisar o que é o risco para você?

**Félix Guattari:** O risco para mim é total! No sentido de que a situação atual, em nível planetário, está no limite e é perigosa. Talvez já seja muito tarde! É possível que a biosfera tenha sido atingida pelo tipo de sociedade industrial que desenvolvemos. Em todo caso, vamos nos encontrar dentro de alguns decênios em uma incrível aceleração da história! Sobre os dois planos, o plano de risco, que compreende o risco de catástrofe da poluição – quando se pensa que Tchernobyl é como uma coisinha acidental e a quantidade dos Tchernobyl que estão aqui,



potencialmente à nossa porta... – e também, ao mesmo tempo, este desenvolvimento prodigioso da inteligência coletiva, com o desenvolvimento da utilização do computador, dos bancos de dados, etc.

**Michel Field:** É o “micro” que agrada você na microinformática?

**Félix Guattari:** Sim, é isso! Os desenvolvimentos em biologia, que são absolutamente prodigiosos, que podem permitir resolver a fome no mundo. Parece-me que não há.

**Antoine Spire:** Permitir resolver a fome no mundo!? O que faz este universal aqui? Aí está, você passou ao nível global, como isso? De resolver a fome no mundo!

**Félix Guattari:** Sim, por que não?

**Antoine Spire:** Que grande declaração! Porque quando leio sua obra há um problema, é que, cada vez, você fala de intervenção ao nível do micro, de intervenção extremamente local, e você diz: “isso vai permitir resolver...” e, de repente, não se sabe por quê, reaparecem os universais...

**Félix Guattari:** Nada de universais; é a longa duração de Fernand Braudel [historiador francês]. É o fato que é o mais microscópico, como por exemplo, a pílula contraceptiva, algo que intervêm na demografia em escala mundial!

**Antoine Spire:** Félix Guattari, como se faz esta articulação entre o microscópico e o macroscópico? Ninguém a faz, ninguém a domina!

**Félix Guattari:** Ninguém a domina, ela é da ordem da longa duração.

**Emmanuel Hirsch:** É o tempo, é a temporalidade através disso que você diz?

**Félix Guattari:** Exatamente, os agenciamentos coletivos estão em uma relação de simetria de escala entre um nível molecular e um nível fractal, mas em todo caso, global. Uma mudança de tecnologia molecular pode repercutir sobre o conjunto da mídia, a menor descoberta científica local pode ter um efeito sobre o conjunto dos phylums maquínicos, o que há de extraordinário nisso? Há a simetria de escala, tanto na subjetividade quanto na tecnologia.

**Antoine Spire:** O que me interessa é a passagem da escala de micro para a escala de macro. Você diz: “Isso pode se repercutir.” No momento, você não me explicou nada, você diz: “Isso pode se repercutir”.

**Félix Guattari:** Isso se repercute!

**Antoine Spire:** Isso se repercute. Então é assim. Temos o direito de pensar agora no nível do macroscópico, você entende que eu quero dizer? Quer dizer que eu me pergunto sobre os impasses de seu pensamento.

**Félix Guattari:** A crise ecológica é macroscópica, que eu saiba!

**Antoine Spire:** Então, justamente você pensa nela de maneira macroscópica!

**Félix Guattari:** É por isso mesmo que eu articulo os três níveis. O nível macroscópico do meio ambiente, o nível intermediário do *socius* e o nível molecular da ecologia mental. É isso que tento fazer como eu posso! Tentar aproximar isso, ver se há transversalidades, linhas de passagens entre esses níveis.

**Emmanuel Hirsch:** Eu não vejo a noção de impasse como Antoine Spire. Seu modo de pensar me faz lembrar Michel Serres, hoje, quando ele fala dessas espécies de tráfegos em diferentes níveis, de pontos de encontro – Mesmo que eu não seja sensível a este ponto de vista, eu o compreendo. Apenas uma pergunta, você tem abordado a toda hora o biológico e Michel Serres diz: “*O biológico gera, de alguma forma, os possíveis.*” Então, qual maneira escolher? Por que em determinado momento é preciso exercer as escolhas, há possíveis que admitimos e há outros que rejeitamos, em nome de valores, em nome de práticas. Como chegar a distinguir no possível, que há um sentido com relação a um devir, com relação à história, mesmo à temporalidade que queremos transformar em possível, como escolher esses possíveis?

**Félix Guattari:** Quer dizer que o processo de escolha está no movimento processual dele mesmo, são as linhas mais desterritorializadas, as linhas de transformação... Há uma apercepção da mutação subjetiva. Quando isso funciona – às vezes nos perguntamos isso na relação analítica:

“Como sabemos se isso funciona ou não”? Porque eu digo: “Isso só pode funcionar porque se não funciona a gente para.” – sabemos disso! Isso se dá. Sabemos hoje onde está a verdade na China, isso se vê, salta aos olhos. Há uma apercepção da ordem do afeto dos valores históricos, nós não nos enganamos!

**Emmanuel Hirsch:** E, então, você dizia em maio de 1968 que a verdade, você sabia, de alguma maneira – uso um pouco sua expressão agora -, onde está a verdade... Tem-se a impressão que isso se degenerou, quer dizer, que não se permaneceu fiel a esta verdade.

**Félix Guattari:** Sim, é isso mesmo, sim.

**Emmanuel Hirsch:** Portanto, deve-se contentar, logo depois, em constatar retrospectivamente...

**Félix Guattari:** Não! Acho que se deve caminhar por diferentes estágios, paralelamente, e tentar assumir as contradições de níveis. Por exemplo, na clínica de La Borde existem limitações: as limitações da Seguridade Social, as proibições sobre a sexualidade, etc., disciplinas da vida cotidiana como pôr a mesa, lavar a louça, etc. E, portanto, temos casos em que, pela natureza de suas perturbações, algumas pessoas são levadas a escapar desses tipos de sujeições. Bem, é preciso encontrar um modo que permita de manter-se juntas essas contradições. O exemplo que uso aqui poderia ser usado em todos os outros níveis. Por exemplo, acho hoje, que os socialistas franceses poderiam fazer algo diferente do que fazem e tenho a ingenuidade de pensar que não é inútil dizer-lhes isso. Penso que pode mesmo ser útil dizer: “Quaisquer que sejam as sujeições econômicas e as sujeições sociais nas quais vocês se aprisionaram, é possível ter certo número de práticas, certo número de inovações em vários setores. Em particular no setor da educação.” Gostaria de ter o Senhor Jospin [ministro da educação, socialista] aqui na minha frente, para lhe fazer perguntas a esse respeito. Por que a educação sob o regime do Sr. Jospin é mais conservadora que sob todos os outros regimes anteriores? Isso é muito forte!

**Michel Field:** Por que, em sua opinião? Já que você não tem Jospin na sua frente.

**Félix Guattari:** Porque Jospin faz política no sentido mais tradicional, e ele não quer fazer ondas, ter contrariedades. Mesmo se ele escuta algo, se faz de morto, ele não quer saber.

Diferentemente de Savary [ex-ministro da educação, socialista] que, ao menos, tinha tido algumas veleidades de trabalhar nas linhas da evolução.

**Emmanuel Hirsch:** Permita-me uma impertinência. Volto a falar um pouco sobre a minha questão moral do início; você fala de todos esses níveis, de todos esses degraus, de todas essas situações tão diversificadas, algumas vezes contraditórias, onde se situam parcelas de verdade, cada um negociando-as à sua maneira, segundo sua experiência e segundo sua trajetória individual; mas, no plano de uma vida social e de uma vida em relação ao outro, somos obrigados a ter um certo número de verdades comuns. Você tem contestado, há pouco, as tradições como verdades comuns, ou as morais, os princípios, os preceitos morais. Onde situar, apesar de tudo, uma coerência social? Porque somos apenas indivíduos muito frágeis e precisamos de uma coesão entorno de certos princípios-chave. Onde situar, se é possível, esta espécie de coesão de verdades, em um sistema como o nosso que respeitaria, apesar de tudo, todas as expectativas que você desenvolveu?

**Félix Guattari:** A princípio não vejo muito a coesão. Deixando de lado uma coesão fictícia sobre o retrato do líder, a imagem da mídia do famoso, do *star-system*, não houve jamais tantas dilacerações com relação ao outro na sua diferença, o aumento do racismo – que sempre esquecemos rapidamente: “*Ah! sim, mas Le Pen! [político de extrema direita] Isso não é nada, vai passar; não existe mais, não queremos mais saber.*” Ora, este crescimento do racismo existe em escala planetária, são centenas de milhões de pessoas que morrem, literalmente, de fome, de desespero e que são mais rejeitadas ainda que na antiga escravidão que, ao menos de certa forma, respeitava seus escravos. Nunca houve tantas dilacerações, tanta perda de coerência, perda de consistência. Uma coesão poderia emergir novamente na forma de fenômenos de liberação social, mas com o fato de que, novamente, ela representaria um perigo. Agora, eu gostaria que existissem ideologias de referência, movimentos coletivos de ação, tudo isso, mas dizendo: Cuidado! Ao mesmo tempo em que as construímos é preciso desterritorializá-las, ou “destotalizá-las”, para reutilizar o termo de Sartre, em favor dessa problemática de ecologia individual, de ecologia social, etc.

**Antoine Spire:** Em nível de cada iniciativa, no nível de cada prática, você tem indicações muito precisas e você dizia ainda há pouco: “*No fundo, sente-se que isso avança, no nível da relação psicanalítica é eficaz.*” É algo quase passional, o que acredito ter compreendido nestes momentos. Eu também li em sua obra, *A Idea da Estética*, e que no fundo isso avança também porque é belo. Então, não há vários conceitos do belo, vários conceitos de arte em sua obra? Começando por uma arte frente a qual seria preciso cair de joelhos e que você rejeita, claro, que é o belo em geral. Mas antes uma arte que cola, uma percepção estética agradável, e aqui venho com um exemplo muito concreto...

**Michel Field:** Que descola, em ocorrência, se conto com as referências que estão nos livros de Guattari. Antes uma arte no desarmônico, uma arte que deixa lugar para as falhas, deixa lugar ao silêncio, ao menor.

**Antoine Spire:** De onde vem sua leitura diferente de Kafka, porque é a primeira vez que se qualifica Kafka de experimentação em literatura, ou melhor, a leitura de Kafka como experimentação em literatura. O que isso significa exatamente? Significa tirar Kafka de seu status de monstro sagrado para ter algo de ocasião, uma iniciação ao deslocamento, uma iniciação à reflexão movida, uma iniciação ao movimento ideológico, ao movimento literário naquele que o lê?

**Félix Guattari:** Há pouco você nos repreendeu, a Deleuze e a mim, de não respeitar os autores filosóficos. Bem, autores como Kafka, ou Proust ou Beckett são para nós como referências filosóficas de base. Kafka se chocou, como partículas em um acelerador de partículas, contra mutações subjetivas de sua época, com uma violência extraordinária, que é de onde vem o caráter fragmentário de toda a sua obra, de ali o seu caráter não concluído – ele praticamente terminou uma ou duas novelas, todo o resto estava em obra permanente, um questionamento completo-, sem contar tudo o que ele destruiu, infelizmente. Então, quando estamos frente a um fenômeno como esse, começa-se a decifrar, analiticamente, a subjetividade que vinha a ser a do nazismo, do stalinismo, etc. O Eros burocrático descoberto, explorado por Kafka e, ao mesmo tempo, as contradições insustentáveis de sua relação com a normalidade, o fato de que ele queria casar-se, queria ser pai, que ele amava seu pai, etc. e que, ao mesmo tempo era algo que lhe escapava

literalmente das mãos. Kafka é um verdadeiro analista das formações do inconsciente, quer dizer, formações da subjetividade se fazendo no momento presente.

**Antoine Spire:** Você está dizendo que ele estava em deslocamento involuntário em relação à norma?

**Félix Guattari:** Involuntário... Sim. Sim, certamente.

**Antoine Spire:** Se ele tivesse sido guattarista, ele teria estado em deslocamento voluntário com relação à norma?

**Félix Guattari:** Ele esteve porque há todo um aspecto desconhecido de Kafka que se interessava muito pela vida social, que era apaixonado. Por exemplo, os problemas de seguridade social da época, porque ele era um alto funcionário da Seguridade Social – isso não se chamava assim – E ele era apaixonado pelo que se passava nos grupos anarquistas nos quais ele participava. Existe uma vida secreta de Kafka, que apreendemos um pouco, sobre a qual Klaus Wagenbach nos deu um esclarecimento.

**Emmanuel Hirsch:** No momento em que você pega Kafka, você o pega com a sua tradição? Para você, ele é um autor que é trazido por uma tradição ou ele aparece unicamente no momento em que a obra dele foi escrita?

**Félix Guattari:** Os dois. Ele é trazido por uma tradição porque ele tem certo ideal, certa representação da literatura clássica, da grande literatura romanesca. Ele quer fazer romance como Dickens, por exemplo, com “*A América*”. Mas ao mesmo tempo, os assuntos aos quais ele se direciona lhe saltam das mãos. Quer dizer que os assuntos começaram a existir por conta própria, como sempre vemos em Kafka; bruscamente, existe algo que começa a trabalhar e a proliferar e ele só pode segui-lo, ele é arrastado por essa proto-subjetividade que encontra, que começa a proliferar um pouco como em uma via psicótica.

**Emmanuel Hirsch:** Fiz esta pergunta porque falamos do lado relativo de tudo o que era simbólico em um sistema social, mas a criação artística tem um valor transcendente para você? Ela representa algo de essencial que transcende o histórico e à mídia?

**Félix Guattari:** Os artistas são mutantes, em condições muito difíceis para a mutação, condições de controle pelas imagens dominantes, pelas mídias, pelo sistema das galerias, por exemplo. No meio musical, não são os conservatórios, mas os locais em que se consomem as músicas. São pessoas que tem a coragem de lançar sua existência sobre um processo de singularidade e é nisso que eles nos oferecem um paradigma interessante. Existe sempre esta idéia de que no horizonte, no horizonte absolutamente utópico da história, haveria a possibilidade de construir sua existência *como* um artista conduz sua obra. Mas eu sublinho o *como*.

**Emmanuel Hirsch:** Agradeço a você por sua resposta, mas era talvez a noção de *trans-temporalidade* da obra de arte, para não falar de transcendência. Com relação a seu esquema, a seu sistema de representação, não poderíamos dizer que a criação artística seria *trans-temporal*?

**Félix Guattari:** Isso, sim! Aceito completamente. Tudo o que é *trans* é válido para mim! Tudo o que é transversalidade, etc. menos transcendência, efetivamente é um pouco demais... [risos de Antoine Spire]

**Emmanuel Hirsch:** Uma vida sucedida deve ser uma obra-prima para você?

**Félix Guattari:** Uma obra-prima? Ah! Não, porque uma obra-prima está acabada e está sendo comparada a outras. Há uma avaliação transcendente, nesse momento. Mas uma obra aberta, processual, algo de único em um sentido.

**Antoine Spire:** E nesse sentido, a obra de Kafka é aberta...

**Félix Guattari:** Sim! É a obra aberta por excelência, sim.

**Antoine Spire:** Nesse caso, haveria muito a trabalhar sobre Kafka...

**Félix Guattari:** Sem parar!

**Antoine Spire:** Sem parar, novas significações a produzir...

**Félix Guattari:** Até que isso se extinga. Talvez um dia Kafka se extinga, mas acredito que ainda há o que fazer.

**Michel Field:** A seu ver, isso quer dizer que uma política bem sucedida em seu processo, isso deveria se tornar uma estética?

**Félix Guattari:** Se dissermos isso, colocaríamos os dois registros sob o registro da perversão, da perversidade. Não é tanto de duplicidade do que se trata, mas de multiplicidade. Acredito que uma política, hoje, só pode ser *multiplicada* ou mesmo maldosamente, vulgarmente, duplicada. Então, tendo que estar nesse registro da multiplicidade, façamo-lo com esclarecimento, com lucidez, com conceitos, e não de forma sorrateira dizendo: “*Ah! Claro que concordamos com você! Gostaríamos, meu caro senhor, de mudar tudo isso, a escola, a psiquiatria, etc.! mas não podemos, é preciso aguardar um momento!*” Não! Acho que as relações com o poder, seja o poder do Estado, o poder de uma instituição ou o poder paternal, são necessariamente *multiplicados*, engajam níveis contraditórios, heterogêneos, da subjetividade e não existe resposta unívoca que pode ser usada. Da mesma forma que na poesia, há uma multiplicidade de significações que é produzida mesmo nas relações de poder, existe a necessidade de assumir a complexidade da subjetividade hoje em dia, quer dizer, esta estratificação de níveis de agenciamento de enunciações antagonistas contraditórias.

**Antoine Spire:** Félix Guattari, obrigado. Gostaria de lembrar o que pode ser lido: Seu último livro, “Cartografias esquizoanalíticas”, editora Galilée, e também os dois livros sobre os quais nos baseamos, que você escreveu em colaboração com Gilles Deleuze, “O Anti-Édipo” e “Mil Platôs”, da editora Minuit. O livro sobre Kafka, “Kafka, para uma literatura menor”, editora Minuit e também “Os anos de inverno 1980-1985”, do qual falamos, da editora Barrault; “A Revolução Molecular”, editora Recherches, coleção Encres, que é mais antiga mas que toca bem fundo em seu pensamento e, finalmente, “As Três ecologias”, da editora Galilée. Félix Guattari, obrigado!